

REVISTA ILLUSTRADA

DOS

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

POR

GIL VAZ



N.º 5

**PUBLICA-SE**  
**AOS SABBADOS**

**DESENHOS E CARICATURAS**

DE

**Arthur Loureiro, Bordalo Pinheiro,**  
**e Manuel de Macedo.**

**AVULSO 60 RÉIS**

**Em todas as livrarias, e na rua do**  
**Principe, 23, 1.º andar.**

**A**  
**FAZ**  
**INTER**  
**NA**  
**MAN**  
**GA**  
**GA**

REVISTA ILUSTRADA

AGENCIAMENTO DA SEMANA

1917



N.º 2



PUBLICA-SE

AOS SABBADOS

DEBEMOS A CARIDADE

12

Arthur L. Correia, Bernaldo Tinheiro,  
e Manuel de Macedo.

AVULSO 80 RÉIS

Em todas as livrarias e na rua do  
Príncipe, 23, 4.º andar.

**ALBAM ALBERTAL**



O sultão de Zanzibar

## O SULTÃO DE ZANZIBAR

Esteve de passagem em Lisboa um sultão de 3.<sup>a</sup> ordem, mas grande em todo o caso; um diabo d'um sultão que trasia no bolso dois milhões para as primeiras despezas e um grande alfange de prata, para as primeiras cabeças que a benignidade dos nossos uzos e das nossas leis lhes permitisse cortar.

\*

O sr. Corvo, ministro da marinha, foi o primeiro a dirigir-se a bordo, a fim de cumprimentar a poderosa magestade africana. S. ex.<sup>a</sup> foi obrigado a submitter-se previamente ao simples ceremonial de ser despido, depois do que — ungido de perfumes orientaes — foi admittido nu, á presença do soberano. A bordo do navio inglez as *miss* velavam as faces rubras de pudor! Ó casta Inglaterra, por que consentes tu que o teu querido pudor viaje de face descoberta no tombadilho dos paquetes?

\*

Os sapatos do sultão e da sua comitiva fizeram sensação na imprensa e no publico lisbonense. Segundo uns o sultão e a sua gente tinham simplesmente, por equivoco, calçado a esquadra ingleza surta no Tejo; segundo outros o potentado africano vinha preparado para nos raptar o sr. conselheiro Arrobas, levando-o em parcellas no calçado, e ainda segundo outros elle nutria a negra intenção d'armazenar á fina força os folhetins do sr. Christovam de Sá nas profundezas das clinellas. O que elle intentava porem nunca nós o sabere-mos. Só elle, Mafoma, e o *Diario de Noticias*.

\*

Nos ultimos dias tem havido grande controversia na imprensa a proposito da commenda de Christo iulfigida pelos poderes publicos portuguezes ao senhor de Zanzibar. O *Diario de Noticias*, afiançou sob a sua palavra honrada que elle a pendurara no alfange. Um jornal serafico, a *Nação*, jurou indignado, que, sem respeito pelo symbolo christão, a lançara ao pescoço d'uma odalisca: Fradique Mendes afirma na *Gazeta do Dia*, que sabe aonde o sultão dependurou a commenda, mas que o não diz.

Declaramos aqui solememente a Fradique Mendes que não só elle mas tambem nós o subemos desde logo e — um leal aperto de mão — descere-mos ambos com o nosso segredo á sepultura. Que a cidade nos assassine á traição nas solidões do

Passeio publico em noites d'illuminação, se lhe apraz tão nefando crime, mas o nosso segredo nunca ella o saberá. Nunca!

\*

Sua Magestade El Rei de Portugal, das ilhas adjacentes, dos Algarves, d'aquem e d'alem-mar etc., seguindo as tradições dos seus maiores, não desmentiu o que as antigas chronicas narram dos nossos passados esplendores. Sua Magestade, recebeu em palacio o seu real hospede, com a extraordinaria munificencia de chá e bolos; o sultão, em paga, recebeu El-Rei, no hotel de Bragança, não a golpes d'alfange, como depois d'isto seria permittido a um rei selvagem, mas a licor de rozas. — Bem haja.

\*

O sultão exigiu que lhe fossem apresentadas celebridades portuguezas, porque elle tambem viaja como sabio, á maneira de Pedro d'Alcantara — do Brasil. O sr. Corvo mandou a terra buscar celebridades a toda a pressa, mas apenas foi possivel encontrar o nosso sabio mais á mão, o sr. conselheiro Viale. S. ex.<sup>a</sup> recusou-se porem a ser apresentado por não lhe tolerar a sua castidade, a ligeireza do traje com que o sr. ministro da marinha foi obrigado a patentear-se. O sr. Viale contentar-se-hia já com uma simples tanga; em caso extremo uma folha de vinha talvez lhe bastasse; sendo porem a etiqueta do Zanzibar intrasigente n'este ponto, S. ex.<sup>a</sup> recusou a honra do colloquio. Bem haja, por elle, e pela pudicia nacional.

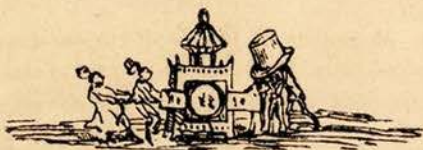
Quando o paquete largava a boia tinham sido prezos, para o effeito da apresentação, os eruditos Innocencio e Pinho Leal: infelizmente já não vinham a tempo. Soube-se depois que muitos outros sabios não foram encontrados, por estarem dormindo um somno de 36 horas, resultado da primeira recita dos *Viscondes d'Algirão*.

\*

O sultão ficou em extremo contrariado porque tencionando gastar os dois milhões na primeira terra europea que pizasse, apenas lhe foi possivel, em sua munificencia, dispender em Lisboa réis 3:820;— 600 réis, preço d'uma corrida em duas tipoiás ao paço d'Ajuda; 3:000 réis conta da estalagem; 200 réis no *Almanach das Senhoras*, e 10 réis na *Gazeta do Dia*,—fascinado pelo premio.

\*

O senhor commendador sultão promette voltar em breve. Anciosos o aguardamos, nós e o seu collega o senhor commendador Antunes.



Recebemos o prospecto d'um novo jornal projectado em Braga, sob o titulo palpitante de *Comboyo*. Aberta a linha ferrea para aquella cidade, bom era que houvesse algum jornal defensor das locomotivas e wagons, combatendo as calumnias que uma parte da população de Braga lhes lança todos os dias, attribuinto a sua invenção ao demonio.

Não conhecemos os redactores da nova folha, nem os seus nomes veem mencionados no prospecto. Como collaboradores estamos certos que terá o sr. M. A. Espergueira, M. Queriol, engenheiro Mattos etc. Será politico, satyrico e noticioso.

Pela nossa parte desejamos ao *Comboyo* toda a sorte de prosperidades. Em primeiro logar estimaremos que não seja um comboio conservador, isto é, estacionario, porque esta qualidade é tão detestavel na politica como na viacção. Em segundo logar desejamos que caminhe a grande velocidade e que deffenda ideias mais avançadas que as do partido regenerador, afim de que o publico se não veja na necessidade de estabelecer para o *Comboyo* — assignaturas de ida e volta.



### Á ULTIMA HORA

O Pimpão chegou á barra,

O Fontes lhe disse assim:

— Prende a amarra...

— Prende a amarra...

E tal foi a commoção

Que só pôde dizer Pim...

E ficou-lhe dentro o pão.



Em Vizeu verificou-se ha dias com extraordinaria concorrência e muitos applausos uma corrida de touros em beneficio do Senhor dos Passos!

Á rhetorica christã abrem-se novos horisontes: ao simples *nazareno*, ao *martyr do Golgotha*, etc., pôde-se accrescentar: *O distincto*, o *sympathico beneficiado* etc.

Parabens a Viseu e á rhetorica.



O *Correio da Tarde* não soffreu impassivel a correção que lhe demos no nosso numero antecedente, a proposito da caricatura do sr. Serpa, emantestase acceitando plenamente aquella doutrina evangelica, que manda que se implore uma segunda correção logo que fôr dada a primeira. Por isso, partindo de tão louvaveis principios, falsificou o que lhe tinhamos dito e apresentou-se. Ora nós estabelecemos a questão nos seguintes termos: se a arte christã representa a grande figura de Christo, exactamente como a nossa caricatura representou o sr. ministro do fazenda, Christo deve ter na base da cruz o correio de secretaria, o chapéo armado, as botas, etc. (Veja-se o primeiro numero). N'este caso, viamo-nos na terrivel coalisção de não saber se Christo era um simples pescador da Nazareth, ou um alto funcionario publico. Pedimos esclarecimentos ao collega, a vêr se diante do martyr do Golgotha deviamos tirar respeitosa e o chapeo, ou fazer-lhe uma continencia.

O *Correio da Tarde* então, como se não percebesse o que lhe diziamos, replicou que deixava isso ao nosso arbitrio — o pretencioso — e que lhe tirassemos o chapéo (a elle, *Correio*) ou que lhe fizessemos continencia, conforme quizessemos.

Em vista d'esta declaração temos a participar á folha alludida que ella não é propriamente Christo, e que por isso não temos a fazer-lhe uma cousa nem outra. Referimo-nos ao filho de Maria, e o *Correio* responde como se fosse o Nazareno em pessoa, ou pelo menos o seu ministro plenipotenciario na terra. Isto tem muita graça.

Desfeito o equivoco, fique-se sabendo, que, se nós recusamos tirar o chapéo ao *Correio da Tarde*, não nos esquivamos a dar-lhe a outra prova de consideração, conforme os seus desejos.

Sómente em vista da indole do collega, em extremo catholica, decidimos não ferir a sua susceptibilidade beatifica com um acto profano, e encarregamos S. Francisco de lh'a fazer — por nós.



Santo Antonio de Lisboa: — P'rá cêra do Sant'Antó....

## LOAS AO SANTO

Eis Antonio, o bem amado  
O Beato sem malicia  
Que triumpho do peccado  
Com o auxilio da policia

Os seus milagres sem conta  
— Indicifavel mysterio! —  
Tem feito a cabeça tonta  
Às folhas do ministerio!

N'uma pugna nunca vista,  
Inda ha pouco, o grande Antonio,  
Soube vencer o demonio  
Reformista!

E sem temer-lhe a pujança,  
Nem o olhar turvo, phosforico,  
Prostrou a golpes de lança  
O grande diabo historico!

E logo apoz leva a cabo  
Seu combate derradeiro  
Vencendo o grande diabo  
Penicheiro!

A sua alma pura e casta  
Nunca dos Anjos se aparta,  
E a bem do povo, na pasta,  
Guarda a reforma da carta!

Em orações infinitas  
De tal fórma os céos commove  
Que as nossas inscripçõesitas,  
Já estão a quarenta e nove!

E no seu afan constante,  
De nos livrar do inferno  
A divida fluctuante  
Ia matando este inverno!

Elle contempla com magoa  
A cabeça que se engana  
Nos juizos, e na agoa  
Circassiana.

Em quanto em doces cantares  
Nossa vida se prolonga  
Salva o compadre Tavares  
E vence depois o Bonga!

Da indisciplina na Europa  
Vendo a cerviz levantada  
Decidi matar a tropa...  
Que não fosse agaloada.

E por nós, oh, quantas vezes!  
Roga ao senhor protecção,  
Em quanto, dentro em dois mezes,  
Ahi não chega o pimpão!

Correi depressa donzellas  
Vinde cheias d'alegria  
A resar, ó minhas bellas  
A Santo Antonio Maria!

Elle é o santo que amaes  
Porque doce e galhofeiro,  
— Segundo varios jornaes —  
É muito casamenteiro.

Salvé, pois oh bem amado,  
Doce Antonio sem malicia,  
Que triumphas do peccado  
Com o auxilio da policia!



Vidal declara no seu ultimo folhetim que sente um desejo invencivel de exclaimar com Garrett «que a sciencia do nosso tempo é uma grandissima tola.»

Pobre sciencia! O que seria d'ella se recebesse em cheio este golpe destruidor, porque, diga-se, Vidal, pela primeira vez na sua vida, apparece com uma authoridade inconcussa.

Antes d'hontem, á noite, estava elle no Rocio á porta da tabacaria Neves, cavaqueando, e de repente veio-lhe á ideia que a sciencia do nosso tempo talvez fosse a tola supra-mencionada. N'isto, despede-se dos amigos e parte para caza, como um raio. Chegado ao seu quarto, pega nas obras de Littré e devora-as. As suas suspeitas vão-se consolidando. Pega em Renan e zás! Lança-se sobre Augusto Comte e traz! Depois Tyndall, Proudhon, Dumas, Wurtz, Darwin, Buchner e tudo! Conforme ia lendo, cada vez mais se formava no seu espirito aquella noção; eram 11 horas da noite e já não tinha duvidas. Pegou na pena e escreveu o folhetim. E, reconhecendo, até á saciedade, que todos aquelles homens eram uns asnos, o seu escripto versou sobre assumptos que nada tinham de commum — com elles.

Reconhece-se á primeira vista que a musa de Vidal, vendo que se não tratava d'alfombras, de desmaios, de amores, fugira espavorida, deixando o poeta a sós com o Pégazo. Por isso as ideias e o estylo do bardo têm um cunho tão azinino!

A culpa não é d'elle, coitado!



Entre dois amigos:

— Pobre Alberto! porem-n'o em caricatura! É tão bom rapaz! Mas, ao mesmo tempo está tão bom...

— É o cazo de Garrett, tornou-lhe o amigo:  
«Delicioso pungir d'acerbo espinho.»



AOS ENAMORADOS

Recebemos ha dias, n'esta redacção, uma pequenina proza amatoria com a sufficiente falta de orthographia e mais 120 réis. Supponos que se destinava á publicidade, por intermedio da nossa folha. Recusamos em nome da grammatica e em nome do socego das familias. Nunca, ó corações apaixonados, nos curvaremos a exigencias de tal ordem! Vinde pois buscar os vossos sêis vintens, que serão restituídos, provada devidamente a identidade de pessoa, na certeza de que passamos desde já a depositar a somma em questão n'um dós principaes bancos da cidade. Não desejamos que na gaveta da nossa secretaria este capital permaneça por mais tempo ocioso.



Não se diga que nós atacamos systematicamente o poder. Eis-nos aqui, de pé, clamando bem alto que nos escutem e lamentando não ter a *tuba épica* para espalhar até aos confins dos mundos um dos actos mais integros e gloriosos do governo que finalmente nos rege.

Como os leitores sabem, o sr. deputado Miguel —o Maximo, contribuiu poderosamente de accordo com a sua musa, para os ruidosos festejos em honra da monarchia nas visinhanças de Braga; e, á sua excellente poesia:

«Hoje exultam os famalienses,» se deve attribuir o entusiasmo indscriptivel dos habitantes do Minho. Sabendo isto, o governo regenerador, não quiz passar por ingrato, e, attendendo ao modo como s. ex.<sup>a</sup>, sem se poupar a trabalhos, tirára da lyra aquellas maviosas trovas, acaba de o nomear cirurgião-mór de infantaria.

Oh! quanto é doce para nós vêr o modo porque um governo paternal premeia condignamente os actos d'um filho do povo, d'um filho do Minho! Pois que!? não terá direito a ser cirurgião-mór, aquelle que um dia compoz uma poesia tão patriótica e tão arrebatadora?

Que o digam as pessoas insuspeitas, que não usam petroleo nos candieiros, que não desejam incendiar Paris, que nunca compraram um archote, e que não pensam em fuzilar o sr. padre Beirão! Esses sim, sentir-se-hão tomados do mais intimo reconhecimento para com o governo; quanto aos outros, o sr. barão do Zezere é que os ha de vencer, com uma certa logica — em punho!

Muito bem.

Nós estamos convencidíssimos: mas, note o governo que ha por ahí uns individuos suspeitos, ferozes, sedentos de sangue, famintos de lombos reaes, destruidores da familia, os quaes fazem o seguinte raciocinio, sem pés nem cabeça, (devemos confessal-o), mas alguma cousa convincente:

«Se o facto de escrever uma poesia patriota dá direito a ser cirurgião-mór, o sr. Thomaz Ribeiro já devia ser ha muito cirurgião de brigada, e o sr. Palmeirim cirurgião em chefe. Quanto ao sr. Ferrer F'arol, cirurgião militar, esse tem todo o direito a ser nomeado Principe da poesia portugueza.»

Isto parece-nos rasoavel. Esperamos, pois, que o governo de S. M. não tarde em conceder a esses tres individuos os titulos mencionados, para que a opposição fique desarmada, e para que ninguem possa dizer que o governo se acha possuido do mais ruinoso compadrio *protegendo os Maximos*, e das *mais negras intenções*—desdenhando os Pharoes.

Isto, no cazo do governo não nos demonstrar até á evidencia, que essas promoções se fazem por antiguidade. Mas, ainda assim, como justificar que este membro do partido regenerador seja nomeado cirurgião-Mór, quando elle já era, ha muito, cirurgião-Maximo?



A *Crença Liberal*, orgão do Sultão de Zanzibar em Lisboa, censura a *Gazeta do Dia* porque ella usou uma phrase menos respeitosa a proposito de aquelle digno rei selvagem.

Tem muita rasão. Respeito a elle e ao sitio aonde collocou a commenda!



---

 CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo
 

---



— Salto de pião! — Chapellino — cuia, saia á vénaton, de funil e ternura. Mulher capaz, vizinha? Não quero? Aquillo o que é — é uma *Anna Molena!*...

---

 SABBADO 19 DE JUNHO DE 1875
 

---

A LANTERNA MAGICA. — Preços da assignatura: Provincias, 660 réis. — Lisboa, 600 réis por trimestre. — Avulso 60 réis. — Anuncios, 20 réis por linha; os srs. assignantes teem 25 por cento de abatimento. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Principe, 23, 1.º andar. Lisboa.

---

 Typographia de Christovão Augusto Rodrigues — Rua do Norte—145.
 

---

# SECÇÃO DE ANUNCIOS

## ESPECIALIDADE DE CHAPÉUS E CONFEÇÕES PARA SENHORAS E CRIANÇAS

CHAPÉUS de todas as qualidades e feitios pelos últimos modelos de Paris, grande e variado sortimento para senhoras e crianças, de 5:000 a 10:000 réis. Avançamos todos os chapéus antigos à moda. De todas as preparos preciosos para chapéus de qualquer qualidade e feitios para vestidos.

## ATELIER DE COSTURA

Tramamos vestidos, casacos, capas, fatos de criança e enovados completos para meninas. E de todos os últimos figurados, tudo muito barato, com perfeição, brevidade e o mais apurado bom gosto. Resolvemos toda a qualidade de encomendas de todo o mundo, das illas e de todas as terras do Brazil, e tratamos de prompto, e tratamos de despezas.

61, 1.º — Travessa de Santa Justa — 61, 1.º

Segunda esquadra vindo da rua Augusta para a rua da Praia

## LIBROA

DEPOSITO DE TANTOS DE FABRICA NO-RE PORTO  
 Magalhães sortimento de charutos, cigarros e rapé.  
 Rua Augusta, 178 — Lisboa.

## TINTURA INGLESA

HERNANDES & C.  
 Toda rapidamente os cabelos brancos da cor, poeira, barba, enfiada, e de todo a sua antiga cor. Não contém Álcool de perfume nem substancia alguma nociva à saúde. Não é necessario lavar os fios nem depois: o seu resultado é instantâneo em tres dias. Preço 500 réis.  
 Aplica-se com uma escova uma a duas vezes por dia, em tres dias o cabelo toma a cor desejada, depois basta usar uma a duas vezes por mes.  
 Para evitar as falsificações deve extrair-se a nossa marca de fabrica e hãna nos recibos que acompanhãham os frascos e caixas.

UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61

LISBOA

DA REORGANIZAÇÃO SOCIAL  
 DOS TRABALHADORES E PROLETARIOS

JOÃO BONAFINA

TIPO DO REIS

IMPRESO em todas as livrarias de Lisboa.

RAMALHO ORTIGÃO

F. A. R. P. A. S.

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA DOS GOVERNOS E DA LITTERATURA

VINHO DO PORTO

10:000 garrafas. Primeira qualidade

RUA DO ALECRIM N.º 33 A

A FARMACIA MANGALGÃO — Preço da assignatura: 600 réis por trimestre — 1800 réis por anno — 3600 réis por half anno assignatura toam 25 por cento de abatemento. — Toda a correspondencia deve ser dirigida a casa de L. Mangalhão, 33, 1.º andar, Lisboa.

Recebemos e agradecemos o fasciculo 75 do Diccionario do sr. Barbosa Pinho Leal, denominado — PORTUGAL ANTIGO E MODERNO. E editado pela casa Mattos Moreira. Vae na palavra Monserrate.

## SECÇÃO DE ANNUNCIOS

### ESPECIALIDADE DE CHAPEUS E CONFECÇÕES PARA SENHORAS E CREAÇAS

**C**HAPEUS de todas as qualidades e feitos pelos **ultimos modelos de Paris**, grande e variado sortimento para **senhoras e creanças**, de **2:000 a 10:000 réis**. Arranjam-se todos os **chapeus antigos á moda**. Ha todos os preparos precisos para chapeus de qualquer qualidade e enfeites para vestidos.

## ATELIER DE COSTURA

**Fazem-se vestidos, casacos, capas, fatos de creança e enxovaes completos para noivas, á vista dos ultimos figurinos, tudo muito barato, com perfeição, brevidade e o mais apurado bom gosto.**

Recebe-se toda a qualidade de encommendas de todo o reino, das ilhas e de todas as terras do Brazil, satisfazendo-se de prompto, e tratando-se dos despachos.

61, 1.º — Travessa de Santa Justa — 61, 1.º

(Segunda escada vindo da rua Augusta para a rua da Prata)

## LISBOA

### DA REORGANISAÇÃO SOCIAL

### AOS TRABALHADORES E PROPRIETARIOS

POR

JOÃO BÓNANÇA

PREÇO 500 RÉIS

**V**ENDE-SE em todas as livrarias de Lisboa.

### RAMALHO ORTIÇÃO

## FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DOS GOSTUMES E DA LITTERATURA

### VINHO DO PORTO

40:000 garrafas. Primeira qualidade

RUA DO ALECRIM N.º 23 A

### DEPOSITO DE TABACOS DA FABRICA BOA-FÉ PORTO

Magnifico sortimento de charutos, cigarros e rapé.  
Rua Augusta, 178 — Lisboa.

## TINTURA INGLESA

DE

HERRINGS & C.º

Torna rapidamente os cabellos brancos da cabeça, barbas, suissas, e bigode á sua antiga côr.

Não contem *Nitrato de prata* nem substancia alguma nociva á saude. Não é necessario lavar antes nem depois; o seu resultado é infalivel em tres dias. Preço 500 réis.

Applica-se com uma escova uma a duas vezes por dia, em tres dias o cabelo toma a côr desejada, depois basta usar uma a duas vezes por mez.

Para evitar as falsificações deve exigir-se a nossa marca de fabrica e firma nos rotulos que acompanham os frascos e caixas.

UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61

LISBOA

A LANTERNA MAGICA. — Preços da assignatura: Provincias, 660 réis. — Lisboa, 600 réis por trimestre. — Avulso 60 réis. — Annuncios, 20 réis por linha; os srs. assignantes teem 25 por cento de abatimento. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Principe, 23, 1.º andar. Lisboa.

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.